

Clio Arqueológica 2022, V37 N1, p.1-44, CARVALHO, CARVALHO
<https://doi.org/10.51359/2448-2331.2022.254542>

Recebido em 12/03/2022 e aprovado em 16/06/2022

DADOS BIOCULTURAIS INFEREM PRÁTICAS RITUALÍSTICAS DE AFRO-BRASILEIROS NO NORDESTE DO BRASIL

*BIOCULTURAL DATA INFERRING AFRO-BRAZILIAN
RITUAL PRACTICES IN NORTHEAST BRAZIL*

Luzia Maria de Sousa Carvalho¹

arqueoluz@hotmail.com / <https://orcid.org/0000-0002-5245-3138>

Olivia Alexandre de Carvalho²

ocarvalho99@gmail.com / <https://orcid.org/0000-0002-6953-2916>

1

RESUMO

O presente trabalho trata da busca de compreensão das práticas culturais de povos afro-brasileiros no período colonial, dentre essas manifestações, se encontra a manipulação dentária intencional realizada por diversos grupos culturais diaspóricos, como uma forma de identidade cultural africana que poderia ser relacionada à estética, a um marcador cultural, costume, dentre outras interpretações. Nesse estudo observamos três indivíduos de características negroides, oriundos da Matriz de Marechal Deodoro/AL, do período colonial, com intensa característica de práticas ritualísticas envolvidas e, sobretudo, a manipulação intencional dos dentes com o marcador cultural, permitindo um avanço na compreensão de práticas ritualísticas entre grupos da diáspora africana.

Palavras-chave: Afro-brasileiros; Manipulação dentária; Sepultamentos humanos.

¹ Discente, Pós-graduação em Arqueologia, UFS.

² Docente, Departamento de Arqueologia, UFS.



Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. CC BY - permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original.

ABSTRACT

The present work deals with the search for understanding the cultural practices of Afro-Brazilian peoples in the colonial period. Among these manifestations, there is the intentional dental manipulation performed by several diasporic cultural groups, as a form of African cultural identity that could be related to aesthetics, cultural marker, custom, among other interpretations. In this study we observed three individuals of Negroid characteristics, coming from the Matriz Marechal Deodoro / AL, from the colonial period, with intense characteristics of the ritualistic practices involved and, above all, the intentional manipulation of the teeth as a cultural marker, allowing an advance in the understanding of ritualistic practices between African diaspora groups.

Key words: Afro-brazilians; dental manipulation; human burials.

CONTEXTO DA PESQUISA

Será muito difícil que um dia se tenha um número certo de etnias africanas que desembarcaram no Brasil em navios negreiros durante o longo período de escravização de pessoas negras desde meados do século XVI. No Brasil, os maiores pontos de produção comercial como: mineração, lavouras, fazendas, engenhos, tudo dependia do trabalho escravo de diferentes povos que vieram de Angola, Senegal, Moçambique, Congo, dentre outras regiões da África, por meio do transatlântico (Eltis *et al.*. 1999; Orser Jr. 1998; Cascudo, 2011; Almeida, 1953).

Em meio a tantos povos com práticas culturais diferenciadas, torna-se ainda mais difícil compreender exatamente a origem de cada um. Por exemplo, de acordo com Cascudo (2011, p.164) pode haver um equívoco em relação à localização de grande parte da população trazida de Guiné, uma vez que esse país era usado genericamente para se referir ao local de onde vinha m todos os escravos africanos que

“abasteciam” o mercado no Brasil, como expressava o próprio Senador Cândido Mendes de Almeida, em “Ordenações do Reino” (Cascudo, 2011, p.164). O autor ainda esclarece que, no Nordeste do Brasil, os nomes eram invariáveis para os negros ex-escravizados ou descendentes diretos, como negro da Guiné, negro do Congo, negro da Angola, restringindo ou negando por assimilações simples sua origem.

A chegada desses povos africanos no Brasil reduziu seus modos de vida diários à escravidão, longe das suas diversas culturas, das suas tradições milenares e dos seus costumes, mas não abrindo mão da sua memória. Dos diversos grupos recém-chegados (pretos novos) (Machado, 2006), havia gente de impérios negros, guerreiros, líderes religiosos, indivíduos de classes e status diversos em suas origens. Assim, o grande cuidado por parte dos mercadores era, sobretudo, de manter as etnias separadas para não haver organização social ou política entre elas (Cascudo, 2011, p.165).

Se observarmos historicamente, os grupos escravizados eram considerados aculturados, vistos como figuras passivas na história da diáspora africana. Havia uma problemática de poucas produções de dados até a crítica obra de Gilberto Freyre, na década de 1980, em que, ainda que suavizando a escravidão, o negro passa a ser visto no papel ativo no “Novo Mundo” onde, apesar de sua situação social submissa a alguém, tinha seus hábitos culturais mantidos na memória e culturalmente preservados, mesmo que só detalhes.

É importante ressaltar que, a figura dos negros escravizados não pode ser vista de forma passiva, como se não fossem agentes no sistema, pois eles também encontravam uma forma de manter vivos seus costumes, ainda que adaptados ao novo mundo e sob novas condições. Há dados como os que Palermo (2017, p.339) suscita, de que os escravos também constituíam famílias, organizavam-se em quilombos (áreas de resistências à escravidão), cultivavam o solo nas fazendas onde eram submetidos a escravidão, cultuavam suas crenças e ainda possuíam vínculos de natureza diversa com seus senhores, apesar de em todas eles estivessem em papéis submissos.

Os modos de vida e aspectos culturais são representados em mínimos detalhes. Em alguns dados obtidos em estudos realizados na Sé de Salvador (Liryo, 2003), foram identificados dentre os muitos vestígios arqueológicos e históricos, colares com contas de búzios, vidro e marfim, sendo esses objetos relacionados ao sistema de crença africano, a exemplo do culto aos orixás pela população iorubá, através da analogia de formas, cores, matéria-prima, apontadas com as mesmas utilizadas em demais rituais como o candomblé, como uma forma de ligação entre entidades religiosas e seus portadores (Symanski, 2014, p.194).

Além da religião, a busca pela compreensão dos diversos costumes africanos, como quem eram esses povos, de onde vieram geograficamente, o processo de construção e reconstrução de identidades, seus costumes originários, dentre outras questões, são viés de estudos arqueológicos em diferentes aspectos, como a Arqueologia da

Diáspora Africana no Brasil abordada há mais de trinta anos, embora ainda esteja em seus primórdios, trata-se de um tema trabalhado por Symanski (2014), com contextualizações e discussões em publicações de Palermo (2017) e outras questões mais abrangentes dentro do contexto de diáspora abordado por Wilkie (2004).

É válido frisar que o auxílio de outras disciplinas como a Bioarqueologia, que busca através dos remanescentes humanos, entender fisicamente um pouco da cultura e padrões de vida que estes tinham, como dieta, meios de subsistência, paleopatologia, etc, esclarecendo tecnicamente um pouco desta conturbada história da diáspora africana, desde meados do século XVI. Alguns estudos de Paleopatologia têm determinado vários tipos de doenças que se apresentam em contexto funerário.

Informações descritas por Pôrto (2008), elucidam um pouco deste cenário de patologias presentes em restos bioculturais relacionados a negros escravizados, tais como febre amarela e a sífilis, que foram atribuídas ao tráfico negreiro, por publicações de trabalhos acadêmicos no início do século XIX (Zampa e Kodama, 2007 *apud* Pôrto, 2008, p.04). Até os dias de hoje existem discussões sobre as atribuições de determinadas doenças ligadas aos povos provenientes da África, e se estas vieram com a diáspora.

Documentos históricos como manuais dedicados aos proprietários de negros escravizados, indicando como deveria ser a higiene e tratando das doenças que mais

os acometiam, possuíam um intuito não só de instrução de patologias e tratamento, como também civilizador, de acordo com Pôrto (2008, p. 05), pois era uma forma de prescrever as condutas morais dos escravizados e educá-los higienicamente de modo preventivo, tanto para não contaminar os senhores quanto para não perderem “mercadorias”. Os meios de instruções tinham desde os sintomas, causas, tratamento e cuidados no processo curativo e preventivo de enfermidades mais comuns (Pôrto, 2008, p. 05-06).

Além da Paleopatologia, outras áreas da Bioarqueologia trazem ferramentas importantes nos estudos bioculturais de povos pretéritos, não só pré-coloniais como históricos. Um dos viés importantíssimos para compreender a mobilidade de grupos humanos, as doenças, os acontecimentos traumáticos desde a infância, dentre outros fatores, é a dieta alimentar, que deixa indicadores nos ossos, dentes e cabelo, esclarecendo diversos acontecimentos na vida de um determinado indivíduo, desde a infância até a morte.

Partindo disso, os estudos de padrões alimentares africanos, simpatias e preferências, as formas de preparação de carnes de animais, a caça, as formas de capturar animais, cereais, farnel de viagem, expedição de guerras, comércio de trocas entre etnias, técnicas de tratamento de couro, marfim, madeira, tecido, ossos, foram registrados em dados históricos de viajantes, embora de maneira vaga de dados. Os primeiros anos do século XVI em que os europeus já buscavam escravizar povos da Guiné, compreendendo a região sudanesa do litoral por questão

estratégica, já levavam armas, mantas, trajes e cavalos, sendo que cada unidade dessa “valia” sete escravos segundo Cascudo (2011, p.165).

As práticas alimentícias eram mais que cultivos, voltavam-se para comércios ainda na África. Informações descritas por Cascudo em seu livro “História da Alimentação” (2011) descrevem a feira de banhiins, banhus atuais, onde reunia em torno de oito mil pessoas na fronteira com Casamansa francesa (região do Senegal localizada no Sul da Gâmbia). Havia ainda os comerciantes do Senegal que viajavam até a Costa do Ouro para vender produtos como cereais, frutas, ostras, arroz, etc. Essas referências nos permitem compreender um pouco da alimentação desses povos durante o século XVI, e a mudança que ocorreu ao chegar em novas terras com uma dispensa diferente daquela de costume, influenciando também em novos aspectos alimentares ou adaptações de dieta.

Os diferentes vieses da escravidão no Brasil Colônia

Para compreender melhor a evidência de dados sobre os grupos de negros escravizados no Brasil, os trabalhos desenvolvidos nos últimos anos esclarecem uma lacuna de informações importantes para o entendimento sobre aqueles, como o Cais do Valongo, localizado na região da Zona Portuária do Rio de Janeiro, ligado ao funcionamento de uma área relacionada ao porto de entrada, onde havia os galpões de venda, lazaretos e o cemitério destinado àqueles que não sobreviviam a longa viagem (Medeiros, 2012, p. 176). Este local, ainda de acordo com Medeiros (2012, p. 176) deu início a uma série de pesquisas que elucidaram a história de

milhões de negros escravizados, que adentraram a região para serem usados como mão-de-obra em todo tipo de trabalho compulsório.

O cemitério é uma área destaque para entender as práticas funerárias atribuídas aos mortos, apesar de o cemitério dos Pretos Novos, no qual as condições de sepultamento eram extremamente precárias e de espaço pequeno, sendo praticado pelos brancos. Dessa forma, o significado de contexto funerário indica quem eram mortos, com atribuições de significâncias pelos vivos.

Quando Medeiros (2012, p. 177) cita informações sobre os negros escravizados mortos registrados no livro de óbitos do cemitério dos Pretos Novos, os dados indicam de forma resumida a origem de cada escravo sepultado ali, onde é possível observar que, em sua maioria (quase 70% deles) eram provenientes da região da África Central Atlântica, pertencendo ao tronco linguístico banto, com uma forma diferenciada de entender e de se comportar diante do fenômeno da morte.

As práticas funerárias na cosmologia banto são relacionadas a duas diferentes dimensões que se completam: o mundo “perceptível”, sendo este os que as pessoas vivem, falam, se relacionam, etc., e o outro mundo “invisível” onde ocorre os outros acontecimentos (Medeiros, 2012, p. 177). Além disso, há uma ritualidade diferente dos brancos, onde os bantos praticavam o culto aos ancestrais, e onde a figura dos antepassados era fundamental na linhagem das gerações e em atividades como boas

colheitas, pesca e a manutenção da própria vida, como afirma Medeiros (2012, p. 177).

Nesse contexto, para os “Pretos Novos”, morrer longe dos seus ancestrais, assim como o fato de não ser sepultado da forma adequada, seria drástico tanto na manutenção da vida em comunidade quanto no tratamento ritualístico do evento em si, sem linhagem e sem uma perspectiva de vida futura (Silva, 2002 *apud* Medeiros, 2012, p. 178).

Ainda de acordo com Medeiros (2012), na língua banto “Kallunga”, o mundo além do oceano era a travessia para o além, o mundo dos “invisíveis”, “a divisa com o lugar onde os mortos habitavam, que neste caso estava repleto de brancos” (Medeiros, 2012, p. 178). Levando em consideração o drástico acontecimento da diáspora em si, essa quebra cultural reflete também no contexto funerário, documento material mais completo, porém manipulado pelo grupo vivo, aqueles que escolhem o ritualístico contexto dos mortos, onde na maioria atribuía aspectos cristãos.

O cemitério dos “Pretos Novos” traz um leque de informações diversificadas sobre diversas etnias em diferentes aspectos, sendo um contexto diferenciado e autêntico entre todos os cais de recepção de navios negreiros, como aborda Liryo *et al.* (2011) os dentes e as arcadas dentárias analisadas, presentes no cemitério dos Pretos Novos, durante a reforma de uma casa no bairro da Gamboa no Estado do Rio de

Janeiro, onde foram encontrados os esqueletos humanos, os quais durante aproximadamente durante 60 anos (entre 1769 e 1830) foram enterrados os negros escravizados que morriam no Mercado do Valongo, que faleciam por diversos fatores antes de serem vendidos, logo depois de desembarcar dos navios negreiros vindos da África em condições desumanas.

Antecedentes da Pesquisa

Nos estudos bioarqueológicos diversos fatores, além das patologias, contribuem de forma significativa na identificação de povos relacionados neste contexto, como o caso do Mercado do Valongo, as marcas étnicas culturais que traziam consigo, não só as características bioesqueléticas que ficam como registro nos dentes ou ossos, como também os achados de dentes humanos intencionalmente modificados e algumas contas de vidro africanas consideradas testemunhos de enterro de indivíduos africanos (Liryo *et al.*, 2011. p.05), tornam marcadores identitários desses povos relacionados ao período diaspórico no Brasil.

Em pesquisa realizada por Liryo *et al.* (2011) na Igreja da Sé de Salvador, um total de 3.000 dentes foram encontrados no cemitério, fundado em 1552 e demolido em 1933, além de esqueletos humanos provenientes de enterramentos realizados na metade do século 19. Dentre os mortos, havia aqueles com modificações dentárias, os quais estavam no adro - a parte do subsolo do lado de fora da igreja - onde eram enterrados os escravos e as demais pessoas que não tinham condições de pagar por uma sepultura dentro da igreja. Um dos padrões de cortes era esculpido em forma

de "V" invertido, arredondada e até mesmo com contornos quadrangulares (Liryo *et al.*, 2011, p. 06 a 08).

Esse mesmo comportamento aparece em dentes de grupos escravizados em Alagoas no Século XVIII. As informações históricas que temos sobre esses povos são de Pinto *et al.* (2018), onde o trabalho realizado para o IPHAN, em 2018, pela equipe de Arqueólogos, apresenta dados sobre africanos e africanas presentes em Alagoas durante o período de escravidão de negros no Brasil. Os autores ainda elucidam alguns dados históricos sobre as possíveis etnias africanas que foram trazidas nesse período:

O primeiro trabalho foi publicado por Alfredo Brandão no 1º congresso Afro-Brasileiro, realizado em Recife em 1934. Nesse trabalho o autor aponta o tronco linguístico bantu como expresso em larga escala na toponímia de locais, como rios, montanhas, serras, fauna, flora. Nesse sentido, a importância e valorização dada às populações de origem austral e centro africano em Alagoas estão para os grupos étnicos sudaneses, da África Ocidental para o contexto da Bahia (Pinto *et al.*, 2018, p.17).

Quando os autores tratam da predominância bantu para a região de Alagoas, não é de forma exclusiva, não reduz a participação de grupos étnicos sudaneses, especificamente de Malês nas primeiras décadas do século XIX. Os dados sobre os malês de Alagoas possuem origem na região da Bahia, isso ocorre devido as três revoltas e a conspiração entre 1810-1818 as quais se referem os dados. Com isso,

podemos observar as diversas origens da formação da população negra em Alagoas e de onde vieram.

Diante disso, compreendemos que o contexto diaspórico não está ligado diretamente e somente ao transatlântico, mas também a outros pontos, como os portos da costa africana, tanto Benguela quanto Luanda, e como estes se conectavam com os portos de Salvador e de Recife, já na costa brasileira. Levando em consideração os trânsitos regionais, a cidade de Salvador, Alagoas, e sem esquecer as fugas em âmbitos territoriais (Pinto *et al.*, 2018, p.19).

Contudo, as informações sobre os modos de vidas desses povos africanos em contexto brasileiro é bastante diversificado em dados, que vai desde as irmandades de negros e pardos na América portuguesa, onde tem se observado que essas associações existiram em larga escala nas províncias brasileiras como uma forma de resistência em conjunto, até a tradição afro-brasileira pautada na ontologia, na cosmologia do panteão africano, onde cultuavam as diversas religiões tradicionais, ainda que com aparatos europeus ou americanos. Voltado para este contexto, temos dados sobre Alagoas, onde tinha manifestações sobre o Xangô, as casas de Candomblé, dentre outros ao longo do século XX (Pinto *et al.*, 2018, p.19).

Quando os autores tratam da predominância bantu para a região de Alagoas, não é de forma exclusiva, não reduz a participação de grupos étnicos sudaneses, especificamente de Malês nas primeiras décadas do século XIX. Os dados sobre os

malês de Alagoas possuem origem na região da Bahia, isso ocorre devido as três revoltas e a conspiração entre 1810-1818 as quais se referem os dados. Com isso, podemos observar as diversas origens da formação da população negra em Alagoas e de onde vieram.

Contexto Funerário associado ao Religioso

Trabalhar o contexto funerário no âmbito religioso, neste caso relacionado às igrejas, se remete às crenças, não diferente de normalidade de sepultamentos. Ainda que diversas regiões do mundo com diferentes etnias e povos não se destine à religiosidade ou divindades, como o cristianismo, mas se remetem a espaços sagrados, crenças em algo, simbologia e atributos que constroem em torno da morte.

Tratando dos espaços mortuários, para compreender especificamente os espaços dentro do contexto fúnebre, é necessário partir da importância das escolhas do local, o que esses lugares representavam, seja para os mortos ou para vivos que elaboravam os rituais. Com isso, partimos da percepção que as pessoas têm dos fatos e lugares através de sua experiência adquirida, vivência e simbolismo em torno do espaço (Bonjardim *et al.*, 2007, p.03).

Um ponto específico em Alagoas e que é o estudo de caso deste artigo, é a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, que está localizada no centro histórico da cidade de Marechal Deodoro/AL. As informações sobre a mesma são escassas,

imprecisas de datação, uma das poucas coisas que se sabe é que sobre a Matriz é que em 1654 ela já existia (Pinto *et al.*, 2018, p. 33).

Se observarmos os espaços escolhidos nestes contextos e levar em conta as experiências cotidianas, destacam-se os significados e valores que, geralmente, o ser humano atribui ao espaço vivido, construído socialmente e formado a partir da percepção das pessoas intrínsecas, rompendo a barreira da dicotomia entre sujeito e objeto (Bonjardim *et al.*, 2007, p.03), tratado como representação social.

Analisando as frequentes mudanças e evoluções que envolvem a relação da sociedade com a morte em diferentes espaços e tempo, entendemos que a premissa inicial é a de que a morte (o fenômeno) sempre fez parte da vida e, quando pensamos no contexto discutido das sociedades coloniais, ela é representada pela paisagem dominante nas cidades a partir da sua relação direta com as igrejas católicas e cemitérios envolvidos, fazendo parte direta da paisagem social das sociedade envolvida (Claval, 1998 *apud* Bonjardim *et al.*, 2007, p.05). Sabemos que, durante o período colonial, o contexto fúnebre estava ligado não só as crenças, como também às posses de status do falecido:

Se observarmos os espaços escolhidos nestes contextos e levar em conta as experiências cotidianas, destacam-se os significados e valores que, geralmente, o ser humano atribui ao espaço vivido, construído socialmente e formado a partir da

percepção das pessoas intrínsecas, rompendo a barreira da dicotomia entre sujeito e objeto (Bonjardim *et al.*, 2007, p.03), tratado como representação social.

A Igreja era dividida conforme as posses do morto, sendo que quanto mais próximo do altar mais poder e prestígio essa família detinha. Os locais mais procurados eram o coro, a sacristia (mais próximos do altar) e sob o banco que a família usava durante as missas (esses bancos eram cadeiras ou mesmo o local que a família ficava, mesmo em pé, durante a missa). Já no adro “eram enterradas as famílias de menor poder aquisitivo, mas que ainda podiam pagar, fugindo aos enterramentos na vala comum” (Carvalho, 2003, p. 19 *apud* Bonjardim *et al.*, 2007, p.07).

As práticas funerárias nos contam muito sobre uma população, quando estas são transmitidas pela cultura material e espaço, como uma vala que era destinada aos pobres ou indigentes, e os largos das igrejas aos escravos que se diziam cristãos para ter direito ao enterro. Com a transferência de cemitérios para longe dos aglomerados humanos e dos centros das igrejas, pode-se perceber que a morte passa a ser desterritorializada no mesmo momento que as igrejas católicas também perdem uma parcela do seu espaço sagrado, e o espaço funerário, ainda que alterado, ainda passa a importância social dos mortos (Carvalho, 2003 *apud* Bonjardim *et al.*, 2007).

Exemplos como São Cristóvão e Laranjeiras, em Sergipe, são o retrato da sociedade colonial nesse aspecto, onde abrigam um número grande de igrejas e que ainda mantém lápides no seu interior, ainda que o significado desses túmulos internos

para a população não tenha o mesmo significado nos dias atuais como aquele do período em que foram sepultados (Bonjardim *et al.*, 2007, p.10-11).

Um espaço funerário de destaque é a Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e Igreja Nossa Senhora do Amparo dos Homens Pardos na cidade de São Cristovão/SE, as quais não possuem convento e são diferentes nas suas estruturas, sendo igrejas construídas pelos negros e pelos pardos, respectivamente, deixando óbvio a discriminavam e diferenciação social das pessoas pela classe e cor da pele (Oliveira *et al.*. 2007 *apud* Bonjardim *et al.*, 2007, p.16).

No contexto mortuário das sociedades, essas são estudadas e compreendidas de acordo com as manifestações materiais deixadas pelo grupo executor das mesmas, contextualizando as práticas que realizam, as quais podem variar de grupo para grupo e de acordo com a idade, sexo, status social, crenças, etc., levando em consideração alguns casos que é possível identificar as condições em que a morte ocorreu através dos meios biológicos. Uma abordagem da cultura material encontrada nos sítios, da cronologia, das condições ecológicas do ambiente e se possível, da identidade do grupo aos quais os indivíduos pertenciam, revelam a organização social dos grupos ausentes nos dias de hoje, como indígenas, negros escravizados e outros.

Caso não haja cultura material associada ao esqueleto de maneira suficiente para compreensão do comportamento em torno dos ritos fúnebres, as informações sobre

as formas de inumações e osteologia presentes poderão contribuir para a construção dessa identidade. Os remanescentes biológicos e culturais associados com os sepultamentos, assim como suas dispersões espaciais, podem sugerir variadas hipóteses sobre a reconstrução de eventos que ocorreram, desde a morte até a finalização dos rituais funerários atribuídos, para melhor entendimento cultural dentro da Arqueologia das práticas funerárias, como aborda Carvalho e Vergne (2001).

Durante a Idade Média ocidental, a Igreja exercia uma forte influência sobre a vida das pessoas, nos dias atuais ela não tem mais o mesmo papel central para a população como um todo. A Igreja foi colocada num outro plano na vida da maioria das pessoas e, por isso os significados da morte, das igrejas e dos cemitérios sofreram alterações. Nesse sentido, é preciso ressaltar que o espaço e o território da morte na vida das pessoas estiveram em constante mudança, sempre ligados a crenças e religiões. A preocupação com a morte é muito antiga, assim como os sepultamentos e seus rituais (Bonjardim *et al.*, 2007, p.06).

O exercício de enterrar e cultuar os mortos não é uma herança genética, é uma criação dos homens no decorrer dos anos, tanto quanto a religião, a cultura, a educação. Pode-se dizer que o homem só se deu conta da morte quando começou imaginar a sua, o seu fim da vida. Quando se imagina o fim, precisa-se pensar num novo começo (Bonjardim *et al.*, 2007, p. 06, 07).

A busca por entender as práticas funerárias e conhecer a noção de morte para as sociedades passadas, ainda que recente, como caracterizamos os povos afro-brasileiros em contexto histórico, em especial o Nordeste, observamos diferentes

visões do que caracteriza a morte, o enxoval; que nos diz o que o morto foi em vida, as práticas atribuídas; que nos permite compreender, mesmo que de forma limitada, o contexto da morte.

Autores como Cisneiros (2003), que trabalha nesse contexto, afirma que o *Homo sapiens* desde sempre mantém com seus mortos uma relação dúbia, uma combinação de saudade, de respeito e de medo, os mais variados sentimentos, independente da sociedade. Assim, podemos compreender por que a morte se tornou um *tabu* para todas as culturas, seja qual for a época ou região. Já para Martin (2008), o mundo tribal não tem a morte propriamente como um problema. Ela não é enfocada como a morte de um indivíduo em si, mas se acha integrada nas práticas coletivas de culto aos mortos, aos ancestrais, além do visível (Carvalho, 2019).

Nesse contexto, a Arqueologia da morte trata desses rituais como uma forma de identidade cultural, que através dos adornos podemos compreender os *enxovais funerários* em um contexto maior de simbologia, as mais variadas e complexas formas de enterramento, a cultura material associada e os rituais que acompanham o corpo. Descrever e classificar sepultamentos humanos implica em observar o todo dos vestígios funerários no contexto da deposição, incorporando dados bioarqueológicos, como as paleopatologias, a paisagem e substratos culturais diversos (Silva, 2005-2006; Ribeiro, 2007).

Fazer uma interpretação dos vestígios funerários implica relacionar o funeral à natureza de cada tipo de ritual e o sepultamento envolvido com a sociedade na qual ele está inserido, tratando da morte não como uma passagem, mas como uma adaptação, uma vez que elas são acompanhadas de crenças. Desconhece-se qualquer grupo humano que não trate dos seus mortos, os cuidados podem ser de diferentes origens e intenções, desde o odor fétido, o horror da decomposição do indivíduo, a preservação do corpo para a vida após a morte ou construção mítica em torno da vida espiritual, que pode ser das mais variadas (Carvalho, 2019).

Não esquecendo, como afirma Leach (1988 *apud* Carvalho, 2019), os objetivos dos rituais eram transmitir o conhecimento da vida social adquirida, o que significa dizer que as ações e os costumes do cotidiano nada mais são que codificações, os ritos funerários seriam uma forma de representação da sociedade para os vivos. Por sua vez, os remanescentes biológicos e culturais associados com os sepultamentos e suas relações espaciais sugerem hipóteses sobre a reconstrução de eventos ocorridos desde a morte até a finalização dos rituais funerários (Breternitz, 1971 *apud* Carvalho, 2019) no contexto dos afro-brasileiros sepultados aos arredores da Igreja, deixa claro o papel e a hierarquia social que estavam sujeitos durante aquele período de escravidão.

Objetivos da Pesquisa

O estudo de caso abordado neste artigo é a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, que está localizada no centro histórico da cidade de Marechal Deodoro

no Estado de Alagoas. Como as informações sobre a mesma são escassas, imprecisas de datação e uma das poucas coisas que se sabe sobre a Matriz, é que a mesma já existia no ano de 1654 (Pinto *et al.*, 2018, p. 33) deixando lacunas de informações tanto sobre a mesma, como também do contexto funerário inserido. Com isso, buscou-se compreender um pouco mais a respeito dos povos que foram sepultados no largo da Matriz, e se estavam relacionados a negros escravizados, assim como os tipos de modificações dentárias presentes nos mesmo, que pudessem ser relacionados ao contexto de manipulação dentária de povos africanos.

No presente trabalho buscamos ainda, discutir dados bioculturais identificados em sepultamentos humanos do período colonial, através do contexto funerário dos enterramentos de negros escravizados depositados no Largo da Matriz na cidade de Marechal Deodoro em Alagoas, e com corroboração do levantamento bibliográfico a respeito das práticas ritualísticas e culturais voltadas para a manipulação dentária intencional em afro-brasileiros, como uma forma de melhor compreender essas prática que ocorrera não só em grupos na África, como também em indivíduos que nasceram neste contexto de escravidão aqui no Brasil, durante o árduo período do tráfico negreiro, onde essa manifestação poderia, de fato, ser uma manutenção cultural de costumes africanos ligados a diversos significados. Além da análise dos indivíduos, é importante ressaltar a necessidade de uma leitura do contexto funerário intrínseco, como adornos mortuários acompanhados (crucifixo, contas), uma vez que estes constituem importantes componentes enquanto indicadores sociais (Costa, 2003).

Materiais e métodos

Esse estudo foi baseado na análise bioarqueológica de 03 sepultamentos humanos identificados no Largo da Matriz na Cidade de Marechal Deodoro, no Estado de Alagoas. O estudo arqueológico de campo na área foi realizado com base na documentação histórica da região, assim como as áreas de intervenção nos lugares de maior impacto da obra municipal, de acordo com o relatório da Pesquisa implementada pelo IPHAN/AL, com verba do Programa PAC Cidades Históricas (Pinto *et al.*, 2018, p. 40).

A escolha dos sepultamentos selecionados para elaboração deste trabalho, foi motivada especificamente por trata-se de afro-brasileiros com manipulação dentária de forma intencional, sepultados em contexto religioso, sobretudo, em tempos de escravidão. Os esqueletos humanos analisados foram um total de 03 indivíduos, que são pertencentes aos seguintes conjuntos: indivíduo 11 - conjunto V; indivíduo 16 - conjunto V; e indivíduo 12- conjunto IV.

Para compreender as informações bioculturais sobre os mesmos, foi necessária uma análise exaustiva dos ossos, com foco na observação de paleopatologias dentárias, ossos longos e processos degenerativos presentes; assim como qualquer evidência de traumas ou demais marcas que forneçam informações necessárias sobre os indivíduos nesse contexto.

Contexto Funerário do Largo da Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição

Com base nos dados, no período de escavação realizado em 2018 para resgate do material arqueológico, foram selecionadas especificamente seis áreas distintas em torno da Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, onde foram escavados por conjuntos de unidades, cada um de acordo com a demanda apresentada na leitura vertical e horizontal dos vestígios arqueológicos que fossem sendo evidenciados (Pinto *et al.*, 2018, p.41).

De acordo com o relatório de campo entregue ao IPHAN/AL, em todos os pontos prospectados, houve incidência de material arqueológico, histórico e, algumas áreas apresentaram ainda, material pré-colonial. O ponto mais significativo em quantidade de remanescentes humanos foi o adro da Igreja Matriz, de onde foram retirados 39 esqueletos, enquanto que no adro da Igreja Nossa Senhora dos Homens Pretos foi identificado apenas 01 esqueleto, e na calçada de uma residência próxima do conjunto de Unidades V, foi retirado também 01 esqueleto. No total do trabalho de escavação em Marechal Deodoro, foram encontrados 41 indivíduos (Pinto *et al.*, 2018, p.41).

O conjunto IV foi a escavação da parte de trás da Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição. A área possui uma melhor contextualização histórica da cidade, havendo poucas modificações no terreno desde que foi realizada a construção da estrutura da Igreja. Além disso, o lugar possui uma chance maior de evidência de material arqueológico, tendo em vista a favorável visibilidade e os dados de sítios

próximos com as mesmas características, como o Largo do Carmo, próximo a Matriz (Pinto *et al.*, 2018, p.46).

Ainda de acordo com Pinto *et al.* (2018, p.53), no trabalho de campo foram evidenciados 18 indivíduos, sobretudo, com a presença de vários enterramentos infantis. Alguns dos sepultamentos tinham associados objetos de devoção católica, tais como rosário, contas (ver Figura 01) e crucifixo, que após a retirada deteriorou-se devido às condições friáveis. Destes indivíduos selecionamos o indivíduo de nº 12 possui características “negroides”, tais como o palato, arcada dentária e órbita.

No conjunto V, de acordo com o relatório (Pinto *et al.*, 2018, p.57), foram realizadas as escavações no adro na parte lateral da Igreja Matriz, em que foram encontrados diversos enterramentos, totalizando em 21 esqueletos, onde os indivíduos estavam em categorias variadas; totalmente articulados, parcialmente articulados e crânios isolados, com ossos dispersos.

A cultura material associada era diversa e basicamente do século XVII, tais como faiança, cerâmica simples, cerâmica vitrificada e cerâmica simples com engobe vermelho. Na área também havia materiais pré-coloniais, como ferramentas líticas. É importante ressaltar que havia ainda, vestígios de queima anterior à construção da atual igreja, podendo ter sido assentamento da Igreja Matriz que foi incendiada e destruída pelos holandeses no século XVII (Pinto *et al.*, 2018, p.57).



Figura 01. Adornos encontrados junto em contexto funerário do conjunto V. Contas de colar. Fonte: Foto de Luzia Carvalho, 2019.

Na busca de melhor compreender esse contexto funerário do período colonial na região de Marechal Deodoro, foram analisados os restos bioculturais de três esqueletos humanos sepultados em áreas religiosas, ligadas à localização do Largo da Matriz Nossa Senhora da Conceição.

Para isso, usamos de metodologias estabelecidas como de Buikstra e Ubelaker (1994) em análise das partes anatômicas e osteológicas, como crânio, maxilar, mandíbulas e dentes, utilizamos Brothwell (1981) para identificação das arcadas dentárias, e Campillo e Subirà (2004) para estimativas de sexo e faixa etária através

de dentes e ossos. O texto do Burns (2007) auxiliou na análise tipológica do crânio e Vanrell (2002) na compreensão da ancestralidade através de arcos dentários.

Protocolo de Uso de Material em Laboratório

Em laboratório, os ossos estavam acondicionados em caixas plásticas, com ‘plásticos bolhas’, separados por peças anatômicas e etiquetadas. Foram observados e fotografados todos os ossos, com medições osteológicas, separados e etiquetados por partes anatômicas, sendo articulados em uma mesa, forrada com cobertura macia (manta de polietileno) e plástico bolha, foram utilizadas luvas sem pó, máscaras e jalecos para avaliação e contato com os ossos, evitando assim, contaminação por microvestígios. Além disso, foi realizado o registro fotográfico e dados observados nos indivíduos com câmera profissional modelo *Canon DSLR SX 530 HS 18MP*.

Metodologia aplicada na análise das arcadas dentárias e informações craniométricas

O estudo foi realizado no Laboratório de Bioarqueologia da Universidade Federal de Sergipe (LABIARQ-UFS), onde foi possível analisar sistematicamente a arcada dentária com manipulação dos incisivos superiores de forma intencional, os 03 indivíduos afro-brasileiros, sepultados no contexto funerário do Largo da Matriz Nossa Senhora da Conceição, contidos atualmente no acervo de material orgânicos do LABIARQ, onde consta sob guarda do laboratório. Para as análises, foram usados os manuais de anatomia humana e identificação de dados osteológicos e

dentários, assim como a identificação de paleopatologias, faixa etária, estimativa de sexo e demais informações que colaborassem com dados sobre esses indivíduos.

Foram realizadas as medidas craniométricas com compasso de correção e compasso de espessura para verificação do comprimento dos ossos do crânio, e para as larguras utilizou-se compassos de correção como orienta Brothwell (1981) por base das ilustrações e descrições feitas por Pereira e Melo e Alvim (1979). Os compassos empregados foram: correção *Mitutoyo – Absolute digimatic / 150ml* digital; o compasso de espessura da *GPM – SWISS Made* 30 cm. Para identificação de estimativa sexual foram analisados os ossos da cintura pélvica, fêmur e crânio; já para a diagnose de idade foi verificado o grau de fechamento das suturas cranianas, presença de processos degenerativos, características de maturação óssea e dentária dos indivíduos.

Com relação as paleopatologias dentárias, que por sua vez são as doenças mais comuns que podem ser identificadas nos remanescentes humanos, propiciando importantes informações, tanto sobre um indivíduo em si como também sobre toda uma população (Roberts e Manchester, 2005). Através dos dentes é possível observar diversos fatores tais como crescimento, neoplasias, infecções, doenças endócrinas ou metabólicas e os traumas sofridos. Para identificação dessas paleopatologias, foram utilizados trabalhos que tratam de alterações osteoarticulares, problemas dentários, as anomalias, dentre outros fatores, como

abordados por Mendonça de Souza e Liryo (2011), para contribuição na análise dos indivíduos.

Resultados

A diferenciação desses indivíduos e dos demais dentro do contexto do Largo da Matriz é a modificação dentária intencional dos dentes, com polimento das extremidades laterais distais dos incisivos centrais superiores, deixando com forma pontiaguda, característica tipicamente cultural e ritualística de grupos étnicos de diferentes contextos em variadas regiões africanas, no contexto da diáspora africana no Brasil em pleno século XVIII. Os povos com essa característica cultural possuíam essa diferenciação étnica e com variações de motivos, desde status dentro do grupo, crenças, estética, dentre outras variações de motivações, de acordo com cada etnia, não sendo possível afirmar seguramente a etnia dos indivíduos analisados, consequentemente, a intenção da alteração dos incisivos.

As análises foram realizadas em três indivíduos: o primeiro indivíduo é o sepultamento de nº 11, conjunto V, Largo da Matriz. O esqueleto encontra-se com partes anatômicas incompletas, alguns ossos longos fragmentados. Algumas partes do crânio estão fragmentadas ou ausentes, como o osso zigomático direito. A mandíbula se encontrava desarticulada e fragmentada durante a escavação, mas foi reconstituída em laboratório; o maxilar está fragmentado, com ausência de alguns dentes superiores (1º incisivo central direito, 2º incisivo lateral esquerdo), e da arcada inferior estão ausentes os 1º e 2º pré-molares esquerdo, o canino direito e 1º

molar direito. Pela abertura alveolar foi possível observar que foram perdas *post mortem*. Os demais dados bioculturais estão descritos na Tabela 01.

Indivíduo	Conjunto	Paleopatologia		Idade/ anos	Sexo (M/F)	Referência
		Ossos	Dentes			
11	V	- Anomalia de desenvolvimento no calcâneo direito, apresentando duas facetas; - Leve periostite na diáfise da tíbia esquerda.	- Abrasão dentária dos incisivos centrais superiores; - Abscesso no incisivo lateral esquerdo; - Cárie no 2° e 3° molares inferiores esquerdo.	25 ±30	M	Liryo <i>et al.</i> (2011); Ubelaker (1994); Burns (2007); Campillo e Subirá (2004); Brothwell (1981); Vanrell (2002); Pereira e Melo e Alvim, (1979).

Tabela 01. Dados bioculturais do indivíduo N° 11 – Largo da Matriz. Legenda: M (masculino); F (feminino).

Foi possível avaliar ainda, que o indivíduo tem características negroides/caucasoides, devido à abertura nasal medialmente acanalada, pouco larga, mento saliente, crânio baixo, suturas cranianas simples, com a forma do paladar entre U e parabólica, sutura palatina não reta e incisivos em forma convexa, conforme a Figura 2.



Figura 02. Indivíduo nº 11- (A) à esquerda - parte do maxilar fragmentado e mandíbula desarticulada e (B) à direita - visualização da manipulação dentária intencional. Fonte: Foto de Luzia Carvalho, 2019.

O segundo indivíduo é o sepultamento de nº 16, conjunto V, Largo da Matriz. O crânio se encontra em reconstrução devido a friável condição que este se encontrava depois da escavação. Alguns ossos estavam fragmentados devido sua fragilidade, tais como as seguintes partes anatômicas; a escápula direita e a esquerda, os dois fêmures nas suas diáfises e a pelve, que ainda apresentam processos degenerativos, contribuindo na compreensão da idade do indivíduo. Enquanto que o sacro, o cóccix e o esterno estão ausentes. Há marcas de roedores no úmero esquerdo na região da diáfise porção posterior. Os dados bioculturais estão contidos na Tabela 02. De acordo com manual de craniometria e cranioscopia de Pereira e Melo e Alvim

(1979) e Burns (2007), as características apresentam traços negroides devido à abertura nasal larga com margem inferior acanalada, maxilar com projeção anterior, perfil prognato. Quanto ao palato, esse é de largura mediana, arcada dentária em forma de U, incisivos em forma convexa, com sutura palatina não retilínea, mento recessivo, crânio baixo, com suturas simples. Foi possível observar ainda a manipulação dentária intencional dos incisivos superiores centrais (ver Figuras 03 e 04).

Indivíduo	Conjunto	Paleopatologia		Idade/ anos	Sexo (M/F)	Referência
		Ossos	Dentes			
16	V	- Processo degenerativo no eixo e outras vértebras cervicais; vértebras torácicas - Periostite na diáfise esquerda da tíbia; - Fratura cicatrizada em uma costela esquerda fragmentada.	- Cálculo dentários	35±40	M	Liryo <i>et al.</i> (2011); Buikstra e Ubelaker (1994); Burns (2007); Campillo e Subirá (2004); Brothwell (1981); Vanrell (2002); Pereira e Melo e Alvim, (1979).

Tabela 02. Dados bioculturais do indivíduo N°16 – Largo da Matriz. Legenda: M (masculino); F (feminino).

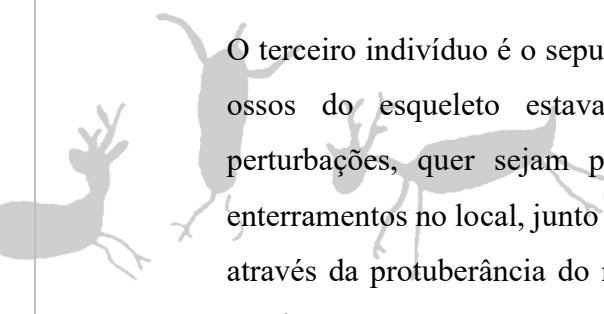
Clio Arqueológica 2022, V37 N1, p.1-44, CARVALHO, CARVALHO
<https://doi.org/10.51359/2448-2331.2022.254542>



Figura 03. Indivíduo n° 16 com manipulação dentária intencional dos incisivos centrais superiores. Fonte: Foto de Olivia Carvalho, 2017.



Figura 04. Indivíduo n° 16 com manipulação dentária intencional dos incisivos centrais superiores. Fonte: Foto de Olivia Carvalho, 2017.



O terceiro indivíduo é o sepultamento de nº 12, conjunto IV, Largo da Matriz. Os ossos do esqueleto estavam bastantes fragmentados devido a constantes perturbações, quer sejam por agentes bioturbadores, ou as ações de novos enterramentos no local, junto aos ossos. Foi possível identificar a estimativa sexual através da protuberância do mento e glabella, e a faixa etária através das suturas cranianas.

Observamos ainda evidências dentárias como a manipulação dos incisivos superiores centrais e diferenciação do crânio, o qual possui anomalia de desenvolvimento (plagiocefalia) com deformação da região temporal esquerda.

Este indivíduo apresentou características cranianas diferenciadas dos demais, com uma deformação craniana por plagiocefalia com aplanamento lateral visível, mesmo com a parte frontal esquerda fragmentada e ausência do osso temporal esquerdo. Suturas cranianas com fechamento precoce evidenciaram a presença de uma anomalia de desenvolvimento. Outra observação é que este indivíduo, em razão dessa deformação craniana, teve a sutura craniana lambdóide que foram totalmente fundidas, onde não é possível observar a separação entre os parietais do occipital.

De acordo com Campillo e Subirà (2004) o indivíduo apresenta todas as características ‘negroides’, com abertura nasal acanalada, sem espinha nasal, maxilar com projeção anterior, abertura palatar mediana, arcada dentária em forma

Clio Arqueológica 2022, V37 N1, p.1-44, CARVALHO, CARVALHO
<https://doi.org/10.51359/2448-2331.2022.254542>

de U, suturas cranianas simples, a sutura palatina não foi possível ser observada devido à fragmentação. Os dados bioculturais podem ser conferidos na Tabela 03 abaixo. Na Figura 05 é possível observar a manipulação dentária dos incisivos centrais superiores.



Figura 05. Indivíduo nº 12 com (A) à esquerda - manipulação dentária intencional e (B) à direita onde apresenta plagiocefalia. Fonte: Fotos de Luzia Carvalho, 2019.

Indivíduo	Conjunto	Paleopatologia		Idade/ anos	Sexo (M/F)	Referência
		Ossos	Dentes			
12	IV	- Deformação craniana (plagiocefalia);	- Perca do 3º molar inferior direito ante mortem apresentando alvéolo regenerado; - Abrasão dentária no 2º molar e pré-molares inferior direito e 3º molar inferior esquerdo; - Cálculo dentário (3,4,5,6,27,28,29,31); - o canino e o 1º pré-molar superior esquerdo com coloração branca sobreposta ao esmalte dentário, apenas na parte labial.	35±40	M	Liryo <i>et al.</i> (2011); Buikstra e Ubelaker (1994); Burns (2007); Campillo e Subirà (2004); Brothwell (1981); Vanrell (2002); Pereira e Melo e Alvim, (1979).

Tabela 03. Dados bioculturais do indivíduo Nº12 – Largo da Matriz.

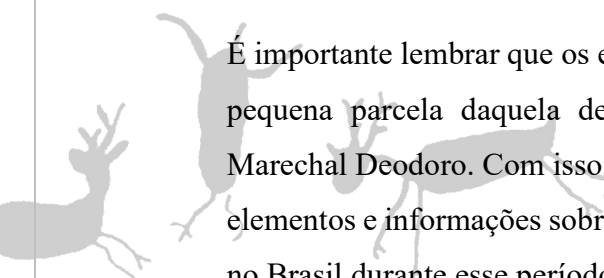
Legenda: M (masculino); F (feminino).

Partindo disso, foi possível compreender as evidências bioculturais relacionadas a manipulação dentária nos incisivos centrais superiores realizada de forma intencional, como uma característica também de grupos afro-brasileiros

relacionados a escravidão durante o período colonial, essa característica dentária poderia estar relacionada a grupos de diferentes nacionalidades e etnias da África, com diferentes motivações na realização das práticas culturais, e que a manifestação desta cultura possivelmente chegou ao Brasil com as expedições do tráfico negreiro, se expandindo por vasto território ocupado pela escravidão, de Norte a Sul do Brasil (como os casos citados de Alagoas, Salvador e Rio de Janeiro).

Observou-se ainda, além de informações osteológicas e dentárias dos enterramentos, os acompanhamentos funerários associados ao contexto dos ossos contidos do Largo da Matriz, tais como; crucifixo, rosário e contas de colares, permitindo dessa forma, a compreensão de que esses itens estariam relacionados aos indivíduos sepultados, associados aos costumes cristãos, que foram atribuídos a esses indivíduos especificamente nesse caso, em que os sepultamentos estão diretamente ligados ao espaço de deposição religioso, o contexto da Igreja Matriz, remetido ao período colonial, período em que a igreja católica era a grande propulsora em todos os aspectos da vida social, religião e política.

Mas é importante ressaltar, que os estudos a respeito dessas práticas culturais voltadas para a manipulação dentária estão em processo de andamento, com pesquisas mais aprofundadas ao longo dos anos, e a medida que os estudos crescem, observou-se que essa prática não ocorre especificamente só em grupos africanos, casos diferentes ocorrem em outras partes do mundo, como em Cuba (Liryo *et al.*, 2011).



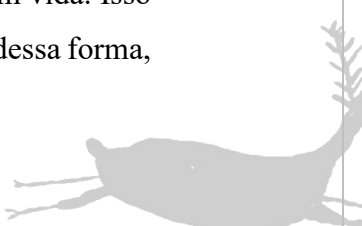
É importante lembrar que os esqueletos analisados neste estudo, foram apenas uma pequena parcela daquela demanda de sepultamentos do Largo da Matriz de Marechal Deodoro. Com isso, estudos mais aprofundados poderão oferecer demais elementos e informações sobre o tema relacionado a povos que chegaram e viveram no Brasil durante esse período conturbado que foi o colonial.

Discussão



Observar as configurações das práticas funerárias em povos pretéritos, ainda que de momentos históricos como o período colonial, infere em considerar o todo envolvido, não só o esqueleto em si, mas também a cultura material associada, o contexto e as práticas atribuídas. Dessa maneira, compreendo que a morte se configura como a conclusão de um estágio vivido, que envolve as crenças tanto do indivíduo que se foi quanto os vivos, que são quem realmente atribui os significados, observamos que as interpretações variam em contextos diversos. Isso ocorre porque as inferências atuais são baseadas em evidências materiais e bioculturais, buscando por menor que seja, entender esses grupos no contexto da morte, que reflete o que eram em vida (Bonjardim, 2010).

Dentro dos estudos voltados para a Arqueologia, a morte é necessária à compreensão da linha divisória que existe no contexto fúnebre, ou seja, a separação dos vestígios materiais das relações sociais que os indivíduos tinham em vida. Isso envolve, ainda, aspectos tanto materiais quanto simbólicos permitindo, dessa forma,



que a interpretação do contexto bioarqueológico siga por inferências de caminhos desconhecidos na busca de entender melhor como ocorria essas escolhas.

Diante do exposto, problematizamos a deficiência de dados suficientes para discussões de práticas religiosas ligadas a ritos funerários de povos diaspórico nesse contexto, contudo, através do material de contexto biocultural identificados em vários sítios históricos, sobretudo no Largo da Matriz, buscamos entender através dessa cultura material ainda que escassa, aspectos desses povos e suas práticas cotidianas. Dentre elas, as mais marcantes são os rituais funerários, geralmente ligados ao mundo ritualístico ou crenças religiosas, com contas, crucifixos, de uma definição geral do fim da vida ou de uma nova vida após a morte.

A alteração ou polimento intencional estético dos dentes de indivíduos de origem africana, têm sido usados como marcadores de etnicidade, uma padronização estética e anatômica relacionada a costumes e crenças de determinados povos. A modificação da forma distal do dente de forma intencional pode ser realizada por técnicas, obedecendo a vários padrões, ainda mais o polimento dos incisivos superiores, descrita como comum em muitos grupos africanos da região que correspondente atualmente a “África do Sul, Angola, Congo, Kenya, Nigéria, Moçambique, Somália, Sudão Tanzânia e Uganda, e em alguns lugares continuam a ser praticadas” (Fabian e Mumghamba, 2007 *apud* por Liryo *et al.*, 2011, p.05).

A mudança intencional da forma do dente se trata de prática cultural realizada com intenções diversas, desde a estética aos fins religiosos à fins estéticos. Essa prática, apesar de existir entre povos nativos pré-colombianas da América Central e região Andina, não era realizada pelos povos indígenas brasileiros e por diferentes razões não foi reproduzido entre os afrodescendentes. A razão para Liryo *et al.* (2011) afirmar isso é que houve inicialmente a perda deste traço cultural com os vínculos e contextos culturais originais e as referências culturais e sociais necessárias à manutenção das mesmas, outros motivos apropriados seriam evitarem as identificações no corpo pelo risco de segregação ou recaptura (Liryo *et al.*, 2011, p.06).

Conclusões

No laboratório, os ossos estavam acondicionados em caixas plásticas, com ‘plástico bolha’, separados por elemento anatômico e etiquetados. Foram observados e fotografados todos os ossos, com medições osteológicas, separados e etiquetados por partes anatômicas, sendo articulados em uma mesa, forrada com cobertura macia (manta de polietileno) e ‘plástico bolha’. Foram utilizadas luvas sem pó, máscaras e jalecos para avaliação e contato com os ossos, evitando assim, contaminação por microvestígios. Além disso, foi realizado o registro fotográfico e dados observados nos indivíduos.

Nesse pensamento, buscamos a compreensão dos indivíduos que estavam no contexto funerário do Largo da Matriz da cidade de Marechal Deodoro em Alagoas.

Os estudos realizados com restos humanos dentro do contexto arqueológico são do século XVII ao XIX, o principal período de desenvolvimento econômico da região fruto da mão-de-obra escrava. A ocupação do território se deu basicamente por meio da chegada de diversas embarcações diaspóricas, de negros escravizados vindos de diferentes regiões da África, como também da instalação de fazendas pelos colonizadores europeus.

Ressaltamos que durante os séculos XVIII e XIX, apontam as questões sociais e de saúde que caracterizam o uso de igrejas para sepultamentos e dos seus espaços relacionados à morte, como acontece em Marechal Deodoro, desde da ocupação Holandesa, e ainda as ligações às crenças do cristianismo, levando em consideração que os espaços eram simbólicos, social e economicamente, dando aos negros escravizados a “oportunidade” de estar perto da salvação.

Essas práticas de europeus de realizar sepultamentos nas laterais das Igrejas consiste em um costume também importado do território europeu e que perdura, no Brasil, entre meados do século XIX até o final desse, quando surgiu, por fatores de saúde, a inserção da ideia das áreas destinadas apenas para isso, de fato isoladas: os cemitérios, que apesar de serem destinados aos mortos, continuam uma segregação social.

Este estudo não incluiu todos os indivíduos escavados no Largo da Matriz, em Marechal Deodoro / AL, apenas aqueles com características negroides e uma diferenciação cultural típica de etnias africanas, a modificação dentária intencional

em forma pontiaguda dos incisivos centrais superiores. Esse marcador cultural nos permite compreender, mesmo que de forma vaga, que havia diferentes povos negros escravizados no Brasil, advindos de diferentes regiões africanas, porém não se pode afirmar com certeza a ligação a determinadas etnias, uma vez que esse tipo de característica cultural nos dentes pertencia a diversos povos africanos e cada um com suas simbologias sociais aplicadas, diferentes em cada contexto.

Essas características de modificações dentárias no Brasil apareceram com frequência no período da diáspora, em razão da demanda e chegada de muitos navios negreiros. É importante frisar que a maior frequência se encontra no cemitério dos Pretos Novos e na Sé de Salvador (Liryo *et al.*, 2001), não sendo excluído a existência em outras regiões, como os registros bioculturais apontam, porém, essa característica foi desaparecendo aos poucos, não dando continuidade fiel nos descendentes afro-brasileiros por diversos motivos, já citados anteriormente. Ainda assim, as modificações dentárias intencionais encontradas em contextos históricos de sepultamentos de negros escravizados, são marcadores culturais de povos africanos trazidos em navios negreiros.

Por fim, a cultura material associada, como as contas e colares de peças de vidro presentes em contexto fúnebre, formando rosário e crucifixo, consiste em aparatos típicos europeus, e a utilização das sementes pertencia a um contexto simbólico de crioulização, onde as manifestações culturais de crenças ou objetos permanece.

Clio Arqueológica 2022, V37 N1, p.1-44, CARVALHO, CARVALHO
<https://doi.org/10.51359/2448-2331.2022.254542>

Com isso, é possível inferir um contexto religioso europeu dentro do contexto da crioulistização. Não há necessariamente a ideia fixa de que os negros tornaram-se católicos por estarem ao Largo da Matriz, mas também é válida a concepção de ter um lugar para simbolicamente ser cultuado no estágio da morte, não ser enterrado como indigente ou “selvagem”, caracterizando o negro, nessa fase, com o direito de ter seu espaço religioso e funerário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, R. 1953. “Mutilações Dentárias nos Negros da Lunda”. Anais do Instituto de Medicina Tropical. Lisboa, X (4), Fascículo vol. 2: 3601-3639.

BONJARDIM, S. G. M. e VARGAS, M. A. M. 2010. “O Visível e o Invisível: A paisagem arqueológica da morte em São Cristóvão e Laranjeiras SE”. Ateliê geográfico, vol. 4: 190-214.

BONJARDIM, S. G. M. e VARGAS, M. A. M. 2007. “A Percepção da Paisagem Arqueológica da Morte”. II Colóquio Nacional do Neer, Salvador. Anais do II Colóquio Nacional do Núcleo de Estudos em Espaço e Representações: Espaços Culturais: Vivências, Imaginações e Representações. Salvador: EDUFBA, vol. II.

BROTHWELL, D. R. 1981. Digging up Bones: The excavation, treatment and study of human skeletal remains. London: British Museum (Natural History)/Cornell University Press.

BUICKSTRA, J. e UBELAKER, 1994. D. Standards for Data Collection from Human Skeletal Remains. Fayetteville, Arkansas: Arkansas Archaeological Survey Research Series, nº 44.

BURNS, K. R. 2007. Manual de Antropologia Forense. Pearson Education, Inc. 2nd edition.

CAMPILLO, D. e SUBIRÀ, M. E. 2004. Antropologia Física para Arqueólogos. Barcelona / Espanha: Editorial Ariel. 1st edition.

Clio Arqueológica 2022, V37 N1, p.1-44, CARVALHO, CARVALHO
<https://doi.org/10.51359/2448-2331.2022.254542>

CASCUDO, L. C. 2011. *História da Alimentação no Brasil*. São Paulo: Global. 972pp. 4th edition.

CARVALHO, F. L. de. 2003. *Vizinhos, sim; enterros à parte. Os Cemitérios Santa Isabel e São Benedito, Aracaju, SE (1862-1933)*. Sergipe: Universidade Federal de Sergipe. Núcleo de Pós-Graduação em Geografia. Dissertação de mestrado.

CARVALHO, O. A. de e VERGNE, C. 2001. "O estudo paleogeográfico e taxonômico na população pré-histórica da necrópole de São José II (Delmiro Gouveia, Alagoas, Brasil)". *Canindé - Revista do Museu de Arqueologia do Xingó*, nº 1:101- 116.

CARVALHO, L. M. de S. 2019. *O que nos dizem os Mortos? Aspectos alimentares inferem modos de vida dos povos pretéritos na Serra da Capivara*. Piauí: Universidade Federal do Piauí. Centro de Ciências da Natureza. Curso de Arqueologia e Conservação de Pintura Rupestre. Dissertação de mestrado, 207 pp.

CISNEIROS, D. 2003. *Práticas funerárias na pré-história do nordeste do Brasil*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco. Departamento de História. Programa de Pós-Graduação em História. Dissertação de Mestrado.

COSTA, M. C. L. 2003. "Os cemitérios e a espacialização da morte". In: ALMEIDA, M. G. e RATTS, A. J. P. (Orgs.). *Geografia: Leituras Culturais*. Goiânia: Editora Alternativa/UFG, v. 1: 237-260.

ELTIS, D., STENPHEN D, B. e RICHARDSON, D. 1999. *The Transatlantic Slave Trade, 1527-1867*, New York: Cambridge University Press, 41pp.

LIRYO, A., SOUZA, S.M. e COOK, D.C. 2011. "Dentes intencionalmente modificados e etnicidade em cemitérios do Brasil Colônia e Império". *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, nº 21: 315-334.

LIRYO, A. 2003. *Lesões Dentárias em Esqueletos do Sítio Arqueológico Igreja da Sé*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro. Núcleo de Estudos de Saúde Coletiva/Instituto de Estudos de Saúde Coletiva. Dissertação de Mestrado.

Clio Arqueológica 2022, V37 N1, p.1-44, CARVALHO, CARVALHO
<https://doi.org/10.51359/2448-2331.2022.254542>

LIRYO, A., RODRIGUES-CARVALHO, C., SOUZA, S.M. de e CARVALHO, D. M. 2001. “Modificações Dentárias na Primeira Catedral do Brasil, Salvador, Bahia”. *Antropologia Portuguesa*, vol. 18, (1): 119-141.

MACHADO, L. C. 2006. “O Sítio Cemitério dos Pretos Novos, Análise Biocultural. Interpretando os Ossos e os Dentes Humanos”. *Boletim do Instituto de Arqueologia Brasileira*, vol. 12: 1-24.

MEDEIROS, J. C. de. 2012. “Germinal: Morte e Sepultamento de Pretos Novos no Rio de Janeiro do Século XIX”. *Habitus*, vol. 10, (2): 173-185.

ORSER, JR. C. E. 1998. “The Archaeology of the African Diaspora”. *Annual Review of Anthropology*, vol. 27:63-82.

PALERMO, L. C. 2017. “Disputas no campo da historiografia da escravidão brasileira: perspectivas clássicas e debates atuais”. *Dimensões*, vol. 39: 324-347.

PEREIRA, C. B. e MELLO e ALVIN, M. C de. 1979. *Manual para estudos Craniométricos e Cranioscópicos*. Santa Maria: Imprensa Universitária da Universidade Federal de Santa Maria.

PINTO, K. L. M., LIMA FILHO, S. L., NOVAIS, L. C. N., SILVA, J. A. e LIMA DA SILVA, S. 2018. *Pesquisa Arqueológica no Largo da Matriz, Município de Marechal Deodoro, Estado de Alagoas. (Relatório Final) IPHAN – Al, Maceió, 369 pp.*

PÔRTO, A. 2008. “Fontes e debates em torno da saúde do escravo no Brasil do século XIX”. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, vol. 11, (4): 726-734.

RIBEIRO, M. S. 2007. *Arqueologia das práticas mortuárias*. São Paulo: Alameda.

ROBERTS, C. A. e MANCHESTER, K. 2005. *The archaeology of disease*. New York: Cornell University Press.

SILVA, C. T. da. 2002. “Reelaboração da etnologia nos sertões indígenas”. *Anuário Antropológico/99*.

Clio Arqueológica 2022, V37 N1, p.1-44, CARVALHO, CARVALHO
<https://doi.org/10.51359/2448-2331.2022.254542>

SILVA, S.F.S.M. “Terminologias e Classificações usadas para descrever sepultamentos humanos: exemplos e sugestões”. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, vol. 15-16: 113-138.

SILVA, J. A. 2017. Ambientes Funerários e a contribuição para novas leituras arqueológicas: adornos em sepulturas humanas do sítio Justino/SE, como evidência do contato nativo/europeu. Sergipe/Laranjeiras: Universidade Federal de Sergipe. Departamento de Arqueologia. Tese de doutorado. 200 pp.

SYMANSKI, L. C. 2014. “Arqueologia da Diáspora Africana nos Estados Unidos e no Brasil: Problemáticas e Modelos”. *Afro-Ásia*, vol.49: 159-198.

THOMAS, L. 1980. *El cadáver. De labiología a la antropología*. México: Fondo de Cultura Económica.

WILKIE, L. 2004. “Transcending Boundaries, Transforming”. *African Diaspora Archaeologies in the New Millenium*. Society for Historical Archaeology, vol.38,(1): 109-123.

VANRELL, J. P. 2002. *Odontologia Legal e Antropologia Forense*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan.